



Toma essa canção como um beijo: Ressonâncias de um projeto de extensão em tempos de pandemia

Bianca Bruno Bárbara¹, Marly Chagas Oliveira Pinto², Bianca Lepsh Vivarelli³, Alice Rodrigues Brito dos Santos⁴, Diogo Galindo Cursino⁴, Emily Felix Mendes da Silva⁴, Marcos dos Santos Barbosa⁴, Renato Reis Miranda⁴

Resumo: Este artigo apresenta o Projeto de Extensão Toma essa Canção como um Beijo e extrai, de suas ações, reflexões teórico-clínicas sobre o trabalho realizado. Pretende-se registrar a trajetória de um fazer compartilhado entre a coordenação do projeto, extensionistas e colaboradores externos, de modo a sustentar a possibilidade de que, por meio de recados de voz e de envio de canções, se diminuísse a distância imposta pelo isolamento. Retoma-se o cenário de nascimento da ação extensionista; as parcerias necessárias para sua realização; o desenho compartilhado do trabalho para, então, apresentar considerações sobre efeitos recolhidos sobre as várias pessoas envolvidas. Refletimos sobre o nosso trabalho em algumas dimensões: 1. enquanto estratégia de interlocução com a comunidade – em tempos de pandemia; 2. como uma prática interinstitucional e transdisciplinar que remete à preocupação com a integralidade do cuidado a saúde e com a complexidade da formação dos estudantes/extensionistas; 3. como exercício de uma ética de cuidado, pautada por uma escuta sensível. Destacamos o quanto a arte, em especial a música em sua versão canção, pôde reinventar a presença e produzir subjetividades em tempos em que a distância social se impôs.

Palavras-chave: Musicoterapia; Isolamento Social; Extensão; Voz

Take this song as a kiss: Resonances of an outreach project in times of pandemic

Abstract: This article presents the Extension Project Take this Song as a Kiss and extracts, from its actions, theoretical and clinical reflections on the work carried out. It aims to record the trajectory of shared work between the project coordination, extension workers, and external collaborators to sustain the possibility that the distance imposed by isolation could be reduced through voice messages and sending songs. The scenario of the birth of the extension action is resumed, as well as the partnerships necessary for its realization, the shared design of the work, and, finally, presenting considerations on effects collected on the various people involved. We reflect on our work in some dimensions: 1. as a strategy of dialogue with the community - in times of pandemic; 2. as an interinstitutional and transdisciplinary practice that refers to the concern with the integrality of health care and with the complexity of the training of students/extensionists; 3. as an exercise of an ethic of care based on sensitive listening. We emphasize how art, especially music in its song version, could reinvent presence and produce subjectivities when the social distance was imposed.

Keywords: Music therapy; Social isolation; Extension; Voice

*Originais recebidos em
30 de novembro de 2022*

*Aceito para publicação em
26 de junho de 2023*

1
Musicoterapeuta e psicanalista. Mestre em Saúde Coletiva (IMS/UERJ), Doutora em psicologia Clínica (PUC-Rio). Docente do Curso de Graduação em Musicoterapia da UFRJ.

(autora para correspondência)

bianca.bruno@ipub.ufrj.br

2
Musicoterapeuta e psicóloga. Mestre e Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (UFRJ). Docente do Curso de Graduação em Musicoterapia da UFRJ.

3
Musicoterapeuta, psicanalista e cantora. Especialista em Psicanálise e Saúde Mental (UERJ). Colaboradora Externa do Projeto de Extensão 'Toma essa Canção como um Beijo'.

4
Graduanda(o) em Musicoterapia na UFRJ. Extensionista.

Introdução

O “Toma essa canção como um beijo” nasceu em julho de 2021 e foi efetivamente posto em prática em setembro do mesmo ano. É uma proposta de ação em extensão universitária numa parceria entre o Curso de Graduação em Musicoterapia da UFRJ, a Residência em Psicologia Clínica Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP/UERJ) e o Laboratório de Pesquisa e Extensão em Psicanálise e Saúde (LaPsa/UERJ)¹, estes últimos em atuação no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ).

Na ocasião de apresentação da proposta (junho de 2021), o Brasil contabilizava 2.000 mortes por COVID por dia² e, ao final daquele mês (em 30/06/2021), eram 548.216 vítimas fatais da pandemia no país, sendo que mais da metade desse número de óbitos tinha acontecido nos últimos 120 dias. O contexto em que o projeto emergia ainda era marcado pelo alto número de mortes por uma doença que, na ocasião, era sinônimo de risco iminente à vida.

Sem avanços expressivos na cobertura vacinal³, o isolamento era indicado/sugerido a todos (exceto àqueles cujos exercícios profissionais fossem considerados serviços essenciais). Ainda o é para quem se interna por COVID-19 em Centros de Terapia Intensiva. A pandemia impôs, portanto, restrições às visitas hospitalares. Sabe-se que a hospitalização por tal causa traz rompimentos abruptos e, por vezes, definitivos entre o paciente e seus familiares (Camelo Jr., 2020). Assim, considerando o compromisso ético, social e político da Universidade (o de ocupar-se com questões que atravessam a sociedade, a cultura e as comunidades a cada tempo), o “Toma Essa Canção como um Beijo” sustenta a possibilidade de que a música e a voz (cantada ou falada) possam se emprestar para diminuir a distância entre pacientes internados por COVID e suas famílias.

Orientados pela premissa de que a percepção auditiva está preservada, em certa medida, em pessoas em coma e que, apesar da ausência de respostas visíveis, os estímulos sonoro/musicais são recebidos e processados mesmo nos casos de rebaixamento do nível de consciência⁴ (Puggina et al., 2005), nossa ação de extensão propõe que familiares de pacientes hospitalizados enviem, a estes, mensagens de voz e/ou uma canção, de modo a que estas sejam reproduzidas, em gravações, ao lado de seu leito.

Entendemos que tais endereçamentos – tanto pela mensagem de voz, quanto pela “canção/presente” – sejam meios de diminuir a distância que tal situação impôs. A música e os recados de voz funcionam como pontes entre esses familiares e seu parente hospitalizado. Funcionam também como modos de manifestar-se frente a angústia da perda, maneiras de se falar – e/ou cantar – para aquele a quem não se pode visitar. A voz faz visitas, enuncia, modula afetos e faz a presença possível se operar. A voz/canção chega então como um beijo...

Procedimentos metodológicos e fluxo do trabalho entre nós

A equipe do “Toma essa canção como um beijo” teve, ao longo do período compreendido entre julho de 2021 e setembro de 2022⁵, duas composições: uma de julho de 2021 a maio de 2022 e outra a partir daí. Em ambas, a presença da coordenação e vice coordenação (servidoras docentes que fazem também a função de supervisão dos extensionistas), de colaboradores externos (profissionais da instituição parceira e uma colaboradora não vinculada a nenhuma das duas universidades envolvidas) e de extensionistas de formações variadas (no primeiro grupo, presença de estudantes dos cursos de Musicoterapia, Enfermagem e Serviço Social; no segundo, estudantes de Musicoterapia, a permanência da assistente social em formação e graduandos de Psicologia e de Fisioterapia)⁶.

Parte da equipe de realização do Projeto está em trabalho na instituição parceira – o (HUPE/UERJ) – dentro do CTI COVID e, portanto, em contato mais direto com os pacientes hospitalizados. Ficam destinados ao projeto os pacientes em estado grave, entubados, sob sedação.

Para pensar no fluxo de trabalho entre nós é preciso considerar que o projeto aconteceu numa articulação constante entre a equipe em trabalho no CTI e os extensionistas. Nosso trabalho foi se tecendo assim: primeiro, nossas parceiras de trabalho no HUPE verificam a ocupação dos leitos do CTI COVID e nos encaminham o nome do paciente hospitalizado; seu estado clínico; nome e número de telefone de um familiar de referência. A partir de tais informações, extensionistas do projeto entram em contato telefônico com essas famílias, apresentando-se, acolhem esses familiares (que estão vivendo um momento difícil), oferecendo a eles a possibilidade de envio de mensagens de voz e/ou canções para seus parentes no hospital. As canções escolhidas são pesquisadas e editadas por outros extensionistas, que as fazem chegar de volta ao HUPE através das profissionais em trabalho lá. São elas que reproduzem o material sonoro/musical ao lado do leito de cada um dos pacientes a quem foram destinados os recados e as canções. Quando as canções não são referidas especificamente na voz de um/uma intérprete, elas podem ser cantadas pela nossa colaboradora (musicoterapeuta e cantora), que grava algumas das canções endereçadas aos pacientes do CTI.

Entre julho e dezembro de 2021, ao fazermos contato com as famílias, também as convidávamos a estarem, se desejassem, num grupo de musicoterapia que, numa sala virtual, funcionava como espaço aberto para acolher quem quisesse chegar. Semanalmente, estávamos lá na sala aguardando os familiares que pedissem para entrar, fosse para dar notícias, para dividir conosco as incertezas e medos que estavam vivendo, ou para dizer – inclusive cantando – das questões que os estavam atravessando. O grupo virtual de musicoterapia se apresentava, também, para que os familiares que chegassem pudessem receber algum *colo* que a música pudesse lhes oferecer. Notamos que a demanda para a participação no grupo foi diminuindo, gradativamente, com o passar dos meses no transcorrer do período pandêmico. Supomos que, com o tempo e com o avanço na cobertura vacinal, a cultura em torno do adoecimento por COVID tenha se alterado e que o risco à vida no encontro com o diagnóstico – vivido, num primeiro momento da pandemia, como fonte de muita angústia – fora perdendo a força e, assim, diminuindo a demanda por pertencimento a espaços grupais de escuta.

A partir de janeiro de 2022 decidimos manter a oferta de escuta colocando-nos, a cada telefonema, disponíveis a acolher e a acompanhar cada um dos familiares que nos demandassem. Mas não mais divulgamos o *link* do grupo virtual de musicoterapia.

Todo esse trabalho é bastante mobilizador. No contato com os familiares, o manejo evidente do sofrimento, da ansiedade e da angústia frente ao risco de morte, ou na constatação desta. Isso exige, de quem acolhe, uma presença firme, mas que também se afeta com o que recolhe. No recolhimento das mensagens de voz, nas edições destas às canções escolhidas⁷, o encontro com a expressão de muitos sentimentos e com as histórias por traz daquele corpo que, inconsciente, ocupa um determinado leito. Por todos esses atravessamentos, considerando todas as circunstâncias mobilizadoras do trabalho, e para fazer do exercício cotidiano da extensão um processo de formação, vale dizer que, numa estratégia que é também metodológica, a supervisão clínico-institucional configura-se como um elemento importante para recolhimento das questões trazidas nestes diferentes momentos de nosso processo de trabalho. Os supervisores (tanto dos extensionistas, quanto das residentes em trabalho no hospital) são, então, profissionais que acolhem (semanalmente) impasses, mobilizações pessoais, dúvidas teóricas, dificuldades no manejo de situações, elaboração de estratégias e afinações nos processos de trabalho.

Para manter afinado o trabalho entre as duas instituições, adotamos algumas outras estratégias metodológicas como: reuniões frequentes entre as equipes, indicação de envios de áudios, planilha de informações sobre o

paciente (compartilhada constantemente); grupos virtuais de comunicação entre extensionistas e residentes do HUPE e entre os coordenadores de cada grupo de trabalho (UERJ/UFRJ).

Recolhendo efeitos

Em termos numéricos, os dados (recolhidos a partir de consulta às planilhas compartilhadas, mês a mês, entre a equipe em trabalho no hospital e os extensionistas) dão notícias não apenas de nosso fazer, mas do contexto pandêmico que atravessamos por período extenso (Figura 1). Em setembro de 2021, dos 36 pacientes que ocuparam leitos no CTI COVID, 25 vieram a óbito no próprio CTI e 3 faleceram após serem transferidos para enfermarias. Destes 36 pacientes internados no CTI COVID do HUPE em setembro de 2021, 23 foram remetidos ao Projeto. Tendo sido contactados ao menos um membro da família de cada um destes 23 pacientes, 17 permaneceram em acompanhamento, ou seja, receberam nosso telefonema e aceitaram a participação, endereçando áudios e/ou canções. Nota-se, dentre as 17 famílias acompanhadas no primeiro mês de trabalho do “Toma essa Canção (...)” que a adesão à possibilidade de encaminhamento de áudios e/ou canções foi expressiva: 15 destes familiares remeteram à equipe do Projeto áudios e canções; 2 familiares encaminharam exclusivamente mensagens de voz, e outras duas famílias foram acompanhadas pela equipe do projeto para suporte ao trabalho de luto, sem que tenha havido tempo hábil para o remetimento de áudios e canções antes do falecimento de seus parentes hospitalizados.

Nos dois meses seguintes, o número de óbitos cai um pouco (se considerarmos que o total de mortes sinalizado aqui refere-se a um período maior – 2 meses), mas mantém-se expressivo: foram 43 pacientes hospitalizados no CTI COVID dentre os meses de outubro e novembro; destes, 30 vieram a óbito (Figura 1). A equipe do projeto conseguiu contato com 29 das 43 famílias que tiveram entes hospitalizados em CTI por COVID no período e, mais uma vez, a receptividade à proposta de trabalho foi positiva: todas as 29 famílias contactadas aceitaram a oferta de encaminhamento de áudios e de canções. Algumas delas (10 entre as 29 famílias contactadas) enviaram ou um áudio ou uma canção por mais de uma vez. Vê-se, portanto, que houve, por parte das famílias acompanhadas, adesão à proposta de fazer, do endereçamento ao seu parente hospitalizado, um modo de dizer e de fazer-se presente por meio da voz reproduzida à beira leito. Não pudemos colher dados em dezembro de 2021. O registro das ações em extensão em seus primeiros três meses é representado na Figura 1.

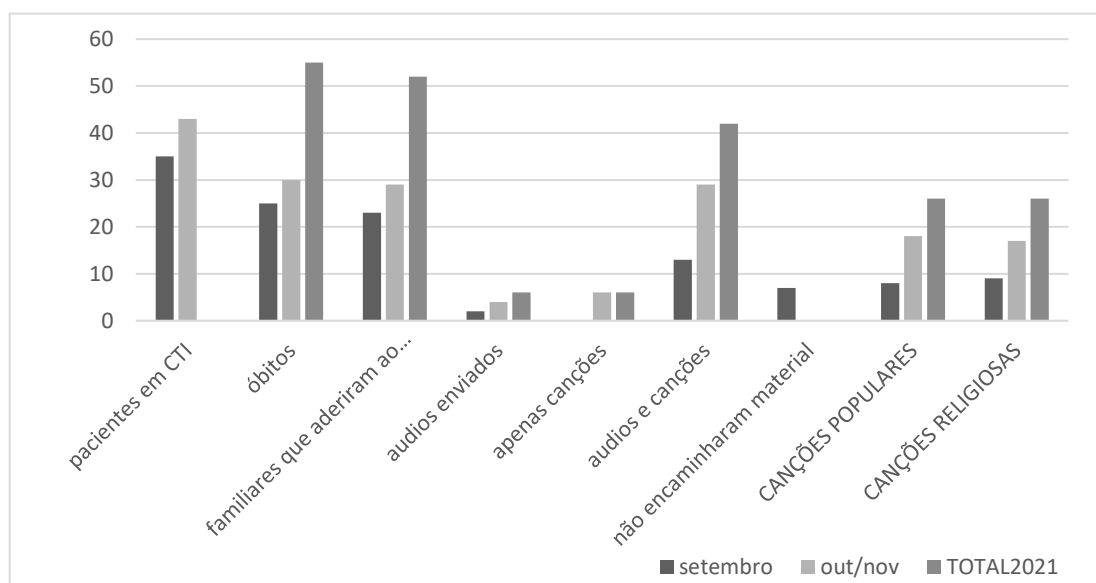


Figura 1. Atividades do Projeto Toma essa canção como um beijo, setembro a novembro de 2021.

A Figura 1 evidencia um equilíbrio quando comparados os dados referentes ao envio de canções: um número muito próximo de solicitações de canções populares e religiosas. Muito frequentemente, o endereçamento de canções era precedido por menções, em áudios, sobre as preferências sonoro/musicais daquele (a) que as receberia. Histórias eram contadas sobre as relações entre o paciente e as canções encaminhadas. No que se refere à escolha de canções religiosas, estas quase sempre estavam postas como um apelo, do familiar, ao que o transcende, a uma ‘força maior’ que fosse capaz de reverter o risco, capaz de produzir melhora ou proteção...

Em alguns períodos do ano, em especial no final de 2021 e início de 2022, tivemos muita dificuldade de manter a regularidade nos registros de dados referentes aos casos e às famílias acompanhadas. Mudanças nas equipes (tanto das residentes em trabalho no CTI COVID do HUPE/UERJ, como dos extensionistas da UFRJ) dificultaram a estabilidade das ações neste período de transição. A chegada de novos extensionistas e de novas residentes colaboradoras exigiu outro trabalho: o de acolhimento e de posterior integração da equipe. Lidar com a alteração quase completa e simultânea dos extensionistas num momento em que o trabalho vinha acontecendo de modo muito consistente, não foi simples. Foi preciso suportar a quebra num fluxo de trabalho já muito instituído antes. Dar espaço às contingências que atravessavam os estudantes e colaboradores externos numa virada de ano e de semestre letivo. Incluir interrupções e recomeços também na experiência de nosso trabalho coletivo.

De janeiro a julho de 2022, temos os seguintes dados a considerar: 13 pacientes do CTI COVID foram encaminhados ao Projeto; 5 vieram a óbito. Conseguimos contato com todas as 13 famílias, que receberam bem a proposta de nosso trabalho. Das 13 famílias contactadas, 10 encaminharam áudios associados a canções e 3 destas preferiram encaminhar apenas recados de voz a serem reproduzidos ao lado dos leitos. Nota-se um número bem menor de óbitos num período mais extenso do que os analisados anteriormente, o que dá notícias do arrefecimento da pandemia paulatina e gradativamente⁸.

Quando propusemos o projeto, em julho de 2021, supúnhamos que ele pudesse ter efeitos especialmente sobre os pacientes hospitalizados e suas famílias. Não imaginávamos outros, que se apresentaram no decorrer do trabalho. Foi possível recolher efeitos também sobre: a) as equipes em trabalho no CTI COVID – em especial sobre a humanização das relações hospitalares num momento de tamanho desgaste e tensão; b) sobre os extensionistas e seus processos de formação e; c) sobre os processos em nós, no contato com as muitas mortes que, lamentavelmente, acompanhamos. Sobre esses efeitos, debruçar-nos-emos a partir desse ponto de nossa escrita. Considerando igualmente os dados disponíveis e os discursos (relatos recolhidos nos espaços compartilhados tanto os de escuta/acolhimento às famílias, quanto nas trocas entre nós, da equipe), teceremos reflexões sobre nossa experiência.

Reflexões teórico-clínicas a partir da ação

Os efeitos de um dizer: a necessidade demasiadamente humana de se endereçar e se fazer ouvir

(...)Pombo correio

Voa ligeiro

Meu mensageiro e essa mensagem de amor

Pombo Correio, Canção de Moraes Moreira (1977)

O humano e sua absoluta, ancestral e inegável necessidade de expressão. Somos seres de linguagem, irremediavelmente atravessados por ela. É do campo da linguagem que emerge o sujeito; este, narrado muito antes de advir (Lacan, 1964). É também em torno do desejo “que encontra meios de se exprimir” (Lacan, 1953-

1954, p. 278), que o sujeito amplia modos de dizer. E assim recorre, como de empréstimo, também a sons, gestos/atos e cações, para fazer-se reconhecer (Lacan, op. cit), para poder narrar (Barcellos, 2008) suas experiências, dizer algo de si para alguém. E, assim, tentar expressar o impossível, que, paradoxalmente, nos coloca a buscar maneiras de dizer um pouco mais ainda...

Dos preceitos da musicoterapia brasileira, nas influências benenzonianas que constituíram o campo no país, encontramos a “abertura de canais de comunicação” (Benenzon, 1989) como uma das funções primordiais de nossa prática clínica. As marcas desse uso da música (e dos elementos que a constituem) para alargamento das vinculações entre sujeitos - uma operação de mediação para a qual a linguagem se empresta, uma espécie de operação que, “implica na realização do outro pela mediação mesma” (Lacan, 1953-1954, p. 61) - são verificadas cotidianamente, como ferramentas para incremento de relações entre humanos nas mais diferentes culturas em todos os tempos.

Segger (1977), explicitando seu interesse pela etnomusicologia, comenta que, neste campo, há duas maneiras de se recortar as relações sociais em torno da música: ou tomando em trabalho a música em articulação com a sociedade que a produz, ou se atendo às expressividades sonoras de grupos sociais específicos. Foi por meio de Segger⁹ que tivemos notícias de que homens de origem Suya (indígenas do Brasil central), ao se casarem, se afastam geograficamente de suas irmãs – numa divisão de localizações na tribo que marca, também simbolicamente, a passagem entre suas famílias de origem e as outras que constituirão a partir do casamento.

Cantando, entre todos os outros homens, cada indígena espera ser reconhecido – pelo timbre e melodia de sua *Akía*, esse canto específico – por sua irmã que, em meio a toda a cacofonia de muitos sons simultâneos, seria capaz de ouvir e identificar seu canto. Vê-se, então, que há, nos endereçamentos entre os Suyas, duas dimensões: uma, a de fazer, no outro e em si, marca singular pela voz, de ser “audivelmente reconhecível e individualizável” (Segger, 1977, p. 56). Outra, a de que o canto possa diminuir a distância entre o homem adulto e seu grupo de filiação.

Dos ritos de povos como os Suyas às percussões em troncos de Sumaúna como modo de comunicação (Portal Amazônia, 2022), a intenção de que a voz e os sons façam operar uma diminuição das distâncias e uma atualização do que é familiar aparece, portanto, nas experiências dos povos originários. Na cultura urbana ocidental – recortadas as relações sociais no período da pandemia - não foi diferente.

Frente ao isolamento imposto pelo risco de contaminação, quando ainda restritos às nossas casas, ouvimos cantos pelas janelas, uma melodia de *Bella Ciao* que manifestava repúdio; vozes que gritavam em protestos; panelas catarticamente percutidas; hinos brasileiros no duelo sonoro que se estabelecia em resposta. Foi pela voz e pelos sons propositalmente postos para fora que os endereçamentos se deram numa necessidade, que muitas vezes se impunha, de alargamento dos espaços de recolhimento, numa ultrapassagem necessária dos limites físicos de nossos lares ou dos silêncios da menor circulação social.

Foi preciso gritar. Foi preciso fazer barulho. Foi preciso encontrar ecos de nossa própria voz... diante da angústia que a pandemia fez brotar em muitos, frente a radicalidade do que nos tomava, diante da evidente indiferença ao cuidado à vida ou na defesa cega de uma política negacionista, foi preciso fazer com que, pela voz (cantada, gritada, distorcida ou modulada) nos agarrássemos ao outro, esse que, sem o toque, só era acessível pela via do sonoro...

É assim, também e especialmente, no contexto de hospitalização por COVID-19, quando o isolamento e as rupturas da presença tomam proporções ainda maiores. O risco de morte – muito presente durante longo tempo da pandemia - e a ruptura brusca da presença (na impossibilidade de acompanhamento às internações por familiares de pacientes internados) faz da necessidade de encontrar modos de dizer e de fazer-se próximo, uma urgência, como nos lembra Sant’Anna (2022, p. 04):

“Para Lacan, a angústia da urgência subjetiva é aquela que advém sem mediação, por conta da ausência do que chamou de “tempo de compreender” em seu artigo “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada” (1945/1998). O tempo de compreender suscita a elaboração do conflito, mas, quando ele está ausente, essa angústia irrompe sem qualquer oportunidade de ser assimilada. [...] Essa atividade da angústia dificulta o sujeito de lançar mão dos recursos simbólicos ou imaginários, tornando-o, assim, refém dela.”

Sustentar a escuta frente à dor, apostar que algo se pode fazer diante do insuportável e emprestar modos de dizer frente a angústia que invade (Sant’Anna, 2022) é uma posição ética que sustentamos nos contatos com os familiares dos pacientes envolvidos no Projeto. É essa a aposta que fazemos, sem recuos, quando os contactamos e apresentamos a eles nosso trabalho: na tentativa de balizar esse transbordamento, de dar a ele alguma contenção, entendemos a oferta de envios de recados de voz e de canções como formas de circunscrever a angústia frente a rupturas tão dolorosas. Acreditamos que a canção se empresta tanto ao dizer necessário frente ao sofrimento psíquico (posição dos familiares tomados por ele), quanto se empresta como restos de uma alteridade familiar, ecos desse outro que canta longe dali, mas que, pela voz – a reproduzida ao lado do leito nos recados e canções – se aproxima.

As gravações de voz e as canções endereçadas fazem uma convocação à vida, trazem ressonâncias num corpo desacordado que, mesmo não estando responsivo, é atravessado pelo que escuta (Lacan, 1962-1963; Anzieu, 1989; Goremberg, 2016). Atravessamentos que, por vezes, também facilitam os desenlaces...

Em casos de irreversibilidade clínica por gravidade da doença, ofertamos a possibilidade de o familiar iniciar um luto que está em iminência, em que existe uma urgência de dizer e de se dirigir ao paciente internado, muitas vezes se despedindo. Um dos vários exemplos aconteceu com um dos médicos, em uma ligação para um familiar âncora. Exposta a chance de óbito do paciente em poucos dias, a familiar - que conhecia o projeto - pergunta ao médico se ele poderia reproduzir ao leito uma das músicas que o próprio paciente, naquele momento em coma, tinha feito. O médico concorda e minutos depois da reprodução da música junto com o áudio da sobrinha, o paciente falece. Dada a notícia de óbito, a familiar se emociona e agradece, enunciando que “tem certeza que aquela gentileza facilitou a partida do tio” (Sant’Anna, 2022, p. 13).

O que toca na canção e o que na canção toca: a reinvenção da presença em tempos de isolamento

Ano de 2021. Mais um em que estivemos sob a nova ordem imposta pela pandemia de COVID-19. Confinamento, distanciamento social, assepsias, uso de máscaras, hospitais lotados. Uma nova ordem mundial que suspende os encontros, o convívio, os toques.

Há muitos pacientes nos CTIs. As visitas dos familiares que, com sua entrada, costumam abrir uma janela que ilumina o ambiente hospitalar com notícias de uma vida que acontece do lado de fora, precisam, como forma de cuidado para todos, ser suspensas.

A COVID-19 é uma doença que nos quer sós.

Mas nós, do Projeto de Extensão Toma Essa Canção como um Beijo, queremos sós. Sim, são vários. Sós estelares, que iluminam, trazem vida e que aquecem ao tocar em nossas peles. Queremos ser as janelas por onde estes sós entram nos CTIs. Queremos, também, sós maiores e sós menores. Queremos, enfim, nesses tempos de tanto distanciamento, transformar as canções que ressoaram e que ressoam nas vidas daqueles pacientes em toque, porque elas tocam. Sem tocar objetivamente num corpo, trabalhamos com aquilo que dele foi recoberto pelo efeito dos sons e das palavras.

Com a entrada do nosso Projeto no CTI COVID do HUPE/UERJ, as músicas, as palavras e as vozes dos familiares de cada paciente passaram a soar junto aos seus leitos, transformando-se em presença. Beijos que chegam até eles em forma de canção e de palavras proferidas por vozes tão conhecidas; abraços em forma de escuta oferecidos aos seus familiares.

“Toma essa canção como um beijo”. Nessa frase de Caetano Veloso que está na canção “Menino do Rio” o verbo tomar é imperativo; modo verbal que indica um pedido, uma súplica, um apelo, um desejo. “Tomar”, verbo de muitas acepções, também pode querer dizer agarrar, apanhar, conquistar, prover-se de apoderar-se, ficar com, ingerir, apreender, adotar, assumir, adquirir, utilizar, receber, aceitar... São muitas as possibilidades de ato que cabem como resposta, diante desse pedido-invocação enunciado sob a forma de canção, e de palavras, ao sujeito a quem elas se dirigem.

Assim, além das intervenções médicas, dos procedimentos técnicos, das aparelhagens de suporte à vida, dos remédios administrados, enfim, dos cuidados fundamentais prestados ao corpo e seus órgãos, aos pacientes internados no CTI COVID do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ), também é dedicado um cuidado que reintroduz a dimensão da subjetividade.

Consideramos que, junto àquele organismo debilitado, alvo de um olhar e de um saber que cuidam objetivamente dos fenômenos que a doença manifesta, há um corpo que foi/é atravessado, envolvido, abarcado pelo psiquismo.

Sigmund Freud, que era por formação médico neurologista, revolucionou a tradição clínica médica que é, por excelência, uma clínica do olhar, passando deste para a escuta. Foi partindo de uma prática clínica norteadas por uma escuta atenta ao que seus pacientes diziam que Freud observou os efeitos da palavra no corpo, tanto na formação de sintomas, como em sua remissão.

O corpo humano é, então, mais do que um conjunto de tecidos, órgãos e sistemas que trabalham de maneira conjunta em busca de um equilíbrio, que garanta o funcionamento perfeito desse organismo. Há também ali um sujeito entremeado, entretecido e pulsante.

E é a esse sujeito que nos dirigimos quando levamos à beira do leito uma gravação contendo recados, vozes, palavras e canções.

Alguém cantando longe daqui/Alguém cantando longe, longe
 Alguém cantando muito/Alguém cantando bem
 Alguém cantando é bom de se ouvir/Alguém cantando alguma canção
 A voz de alguém nessa imensidão/A voz de alguém que canta
 A voz de um certo alguém/Que canta como que pra ninguém
 A voz de alguém quando vem do coração
 De quem mantém toda a pureza/Da natureza
 Onde não há pecado nem perdão
 (Caetano Veloso, 1977)

O som ali do lado: efeitos da música sobre a ambiência hospitalar e sobre as relações de trabalho em tempos de exaustão

O Toma esta canção com um beijo recolhe de longe uma canção, uma lembrança, um voto. A canção enviada carrega muitas e muitas afetividades: “Eu peço pra Deus proteger-te” ... Quando a canção chega lá, no CTI COVID, vem do lugar de uma saudade, de uma vontade de presença, de um sagrado que chega perto, mesmo que se conserve afastado. Instala-se o efeito rizoma (Deleuze & Guatarri, 1995), isto é, o som se propaga em muitas direções espaciais e emocionais. Forma-se uma rede de múltiplos centros com a execução da canção no leito do paciente. O relato de Amanda Sant’anna (2022, pp 14-15), psicóloga parceira no CTI COVID atesta o fenômeno:

No início do projeto, estava hesitante quanto a sua inserção no CTI Covid por achar que a equipe de saúde iria ficar incomodada, seja por não entender, seja por não acreditar no trabalho. A minha surpresa foi ver o quanto o projeto foi acolhido de braços abertos mesmo na prática. Quando a canção começava, quem conhecia, cantava. Emocionavam-se com os áudios enviados pelos familiares e me perguntavam como eu fazia aquilo sem chorar. Passaram a deixar seus próprios celulares com os pacientes - aqueles que não estavam mais em

ventilação mecânica invasiva - para que eles ouvissem música. Ficavam mais atentos e cuidadosos ao serem lembrados do sujeito que vive naquele paciente. Eu também encontrei na música um recurso para meus outros atendimentos dentro do hospital.

A vidas reais e doloridas arrombam a válvula dos respiradores, e todos ali pulsam na emoção do afeto vivo. Não há quem escape daquele beijo amoroso...

A experiência dos extensionistas: um registro de suas vozes.

Nas reuniões de supervisão, nos relatórios, na produção de áudios, vídeos e textos, como extensionistas, organizamos muitas formas de atuação e aprendizagem. Aqui enfatizaremos a problematização de questões teóricas envolvidas no projeto, o desafio de situações complexas que precisamos enfrentar e a transformação pessoal e acadêmica que vivenciamos.

A problematização de questões teóricas se deu com a observação primeira de que a canção, neste projeto, não tem como objetivo ser esteticamente bonita, ou cantada com afinação, com a pulsação exata ou qualquer outro parâmetro estético musical. A música tem a potência de ajudar diversos sujeitos envolvidos em todo o processo. A canção endereçada ao paciente supõe que este agenciamento permita a restauração da potência de vida, entre o ficar ou o partir.

O alcance do projeto é acolher, escutar e abraçar sujeitos que foram atravessados por toda essas questões de isolamento, perda, produzindo nova forma de ser e estar no mundo. Apostamos que a musicoterapia pode alcançar um lugar que é inacessível pelas palavras naquele momento. Um ponto chave da teoria que embasa nossa ação é tomarmos a voz como presença. Uma voz familiar pode chegar como acolhimento, mesmo que a pessoa não esteja totalmente consciente.

O espaço de escuta qualificada, para o familiar dizer e ser ouvido sobre sua dor e angústia, e o direcionamento da canção ao ente distanciado é o que de mais sensível o projeto recolheu. Buscou o espaço para o contorno da dor e a produção da subjetividade de uma outra mãe que surge com a morte de sua filha; de um outro marido que surge com a morte de sua esposa...

Para nós, conhecer a dor do luto, conhecer histórias e vivências destas pessoas, é levar para além da faculdade todos estes ganhos; é estourar a bolha universitária em que estamos inseridos nesse processo de formação.

Contactar familiares torna viável o exercício do direito de comunicação indireta com seu parente internado em uma situação crítica, como a COVID-19. Vivenciar o projeto como uma experiência extremamente sensível, faz-nos conversar o tempo todo com a questão da alteridade. O familiar é um sujeito para nós, mas entendemos que para esse familiar também somos sujeitos. Cuidar de alguém e não se embolar um tanto com o mundo do outro, exige sermos cuidados também.

Participar de um projeto tão intenso provoca certamente transformações pessoais. Para alguns de nós a experiência com o projeto foi surpreendente, até avassaladora, e um divisor de águas no sentido profissional. Em nossos espaços de trocas, alguns afirmaram que o projeto fez "revoluções de dentro para fora"; fez refletir o quanto é possível e fundamental escutar com sensibilidade e afeto aqueles sujeitos que estão vivendo momentos de incertezas, impotência, angústias e dor. Pudemos verificar a potência do projeto em produzir afetos, entre os familiares e pacientes atendidos, entre os membros das equipes, e destas para com o "Toma Essa Canção Como Um Beijo".

Considerações Finais

Com o relato de nossa experiência e com todas as reflexões que pudemos dela extrair, esperamos ter transmitido, nesse artigo, a força da extensão universitária em seus entrelaçamentos com a formação, com a cidadania e com a produção de conhecimentos.

No viés da formação, o compartilhamento de ações entre estudantes de graduações diversas em diálogos intra e interinstitucionais dá, para estes, uma possibilidade de interlocução em torno de práticas de cuidado que se servem das especificidades de cada carreira, sem se reduzirem a estas.

No contato com a vulnerabilidade que a pandemia nos trouxe, e na perspectiva de sustentar uma escuta sensível ao sofrimento que ela carregou, localizamos o nascedouro de profissionais mais sensíveis aos determinantes sociais que recaem sobre a saúde; vemos brotar nestes estudantes um maior compromisso com a dimensão política/cidadã de seus exercícios profissionais.

Da prática extensionista também pôde advir o conhecimento sobre a força dos endereçamentos, sobre a necessidade de dizer e de se fazer ouvir, do modo possível. Por fim, esperamos ter conseguido transmitir o quanto a arte, em especial a música em sua versão canção, pode ser produtora de subjetividades, contorno à angústia que extrapola em momentos de risco à vida, e modo de reinvenção da presença - pela voz que manda recados e que também canta - em tempos em que a distância social se impôs.

Agradecimentos

À Vinícius Darriba e a Mariana Rabello pelo acolhimento à proposta de trabalho, pela viabilização da parceria necessária para a implementação de um projeto interinstitucional e pela disponibilidade de dar sustentação à prática no ambiente hospitalar; à Amanda Sant'Anna por toda a implicação, disponibilidade, sensibilidade e compromisso com o trabalho tecido muito a partir de sua presença e delicadeza clínica; a todos os extensionistas e colaboradores do projeto sem os quais nenhuma das ideias teria ganhado corpo; à coordenação da graduação de Musicoterapia da Universidade Federal do Rio de Janeiro por todo apoio, suporte e incentivo.

Contribuição de cada autor

A autora B.B.B. concebeu o projeto de extensão, é coordenadora deste e foi uma das responsáveis pela escrita deste artigo; A autora M.C.O.P. é coordenadora do projeto aqui descrito, supervisora dos extensionistas e uma das responsáveis pela escrita deste trabalho. A autora B.L.V. é colaboradora externa do projeto de extensão e coautora desse artigo. Os autores A.R.B.S., D.G.C., E.F.M.S., M.S.B. e R.R.M. são ou foram extensionistas do projeto e no escrito aqui posto contribuíram com o item '*A experiência dos extensionistas: um registro de suas vozes*'.

Notas

1. Coordenados pelo Prof. Dr. Vinícius Darriba
 2. Segundo dados divulgados pelo Consórcio de Veículos de Imprensa do Brasil, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/30/brasil-registra-mais-de-2-mil-mortes-por-covid-em-24-horas-mas-ve-queda-simultanea-nas-medias-moveis-de-casos-e-obitos.ghtml>
 3. A primeira brasileira vacinada no país foi uma profissional de saúde em São Paulo, em 17/01/2021 (Revista IstoÉDinheiro, Edição 1278. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/brasil-aplica-a-primeira-vacina-contr-a-covid-19-apos-aprovacao-da-anvisa> . Em junho, ao fim do mês em que a proposta de ação em extensão aqui descrita era submetida para avaliação na UFRJ, apenas 12,41% da população brasileira já tinham recebido ao menos uma dose da vacina contra COVID-19 (dados disponibilizados pelo Consórcio de Veículos de imprensa no Brasil e divulgados em
-

<https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/06/30/vacinacao-no-brasil-1241percent-da-populacao-tomou-as-duas-doses-ou-dose-unica-de-vacinas-contr-a-covid.ghtml>.

4. Ao menos em pessoas sem prejuízos auditivos prévios.
5. Mês de escrita deste artigo.
6. Se a diversidade na formação da equipe e, em especial dentre os extensionistas do projeto sempre traz desafios, há, nesta diversidade, algo muito precioso: a possibilidade de transmissão, por diferentes vias, do respeito à diferença, a troca entre saberes e a convocação de pontos que nos unem: a promoção do cuidado, o respeito a dor e o exercício do acolhimento – o que tornará a prática, de qualquer um desses profissionais em formação, mais ética e mais humana.
7. De modo a tornar recado e canção um áudio único.
8. Em setembro de 2022 vimos o maior período – desde o início de nosso trabalho – sem casos de maior gravidade no CTI COVID de nossa instituição parceira. Com a constância/ permanência deste indicador de melhora do estado pandêmico, nos permitimos a considerar modos de levar a canção como um beijo para novos cantos...
9. Autor a apresentado a nós por uma de nossas extensionistas, graduanda em musicoterapia, mas já graduada em Ciências Sociais, Alice Brito, a quem agradecemos pelas trocas e pelos ensinamentos em torno das articulações entre a musicoterapia e a antropologia.

Referências

- Anzieu, D. (1989). *O Eu pele*. Rio de Janeiro: Casa do psicólogo.
- Barcellos, L. R. M. (2008). Musicoterapia e atribuição de sentidos: O paciente como narrador musical de sua(s) história(s). In H. Oliveira & M. Chagas (Orgs.), *Corpo expressivo e construção de sentidos*. (pp. 23-54.) Rio de Janeiro: Mauad.
- Benenson, R. (1989). *Manual de Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros.
- Camelo Jr., J. S. (2020). Pandemia de COVID -19 e a saúde mental de pacientes, famílias e trabalhadores da saúde: Oportunidade de transformação. *Revista Qualidade HC*, 6(1), 156-165.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia V. 1*. São Paulo: 34.
- Gorembeg, R. (2016) *La música de la lengua*. Buenos Aires: Grama.
- Lacan, J. [1962-1963]. *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.cam
- Lacan, J. [1964]. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Lacan, J. [1953-1954]. *O seminário, livro 01: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- Portal Amazônia (2022). *Sumaúma ou Samaúma – saiba qual o nome correto de uma das maiores árvores da Amazonia*. Recuperado de <https://portalamazonia.com/amazonia/portal-amazonia-responde-sumauma-ou-samauma-saiba-qual-o-nome-correto-de-uma-das-maiores-arvores-da-amazonia>
- Puggina, A. C. G., Silva, M. J. P. D., Gatti, M. F. Z., Graziano, K. U., & Kimura, M. (2005). A percepção auditiva nos pacientes em estado de coma: Uma revisão bibliográfica. *Acta Paulista de Enfermagem*, 18(3), 313-319.
- Sant’Anna, A. (2022). Convocação à vida: Uma conversa entre musicoterapia e psicanálise. (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Psicologia Clínica Institucional na modalidade de Residência Hospitalar). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Seegger, A. (1977). Por que os índios Suya cantam para suas irmãs? In G. Velho, *Arte e Sociedade: Ensaio sobre sociologia da arte*. (pp. 39-63). Rio de Janeiro: Zahar.

Como citar este artigo:

Bárbara, B. B., Pinto, M. C. O., Vivarelli, B. L., Dos Santos, A. R. B., Cursino, D. G., Da Silva, E. F. M., Barbosa, M. S., & Miranda, R. R. (2023). Toma essa canção como um beijo: Ressonâncias de um projeto de extensão em tempos de pandemia. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 14(2), 153-163.